



# REVISTA VIA TEOLÓGICA

Volume 21 – Número 42 – Dezembro / 2020

ISSN 1676-0131 (IMPRESSA)

ISSN 2526-4303 (ON LINE)

DEZEMBRO / 2020

## UMA PROPOSTA DE CRONOLOGIA DAS PARÁBOLAS DE JESUS

*Dr. Claiton André Kunz*



ISSN 1676-0131 (IMPRESSA)  
ISSN 2526-4303 (ON LINE)  
DEZEMBRO / 2020

# UMA PROPOSTA DE CRONOLOGIA DAS PARÁBOLAS DE JESUS

A proposed chronology of the parables of Jesus

*Dr. Claiton André Kunz<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> O autor é graduado em Teologia e Filosofia, mestre em Novo Testamento, mestre e doutor em Teologia (Bíblia). É diretor e professor da Faculdade Batista Pioneira e professor do Mestrado Profissional em Teologia da FABAPAR. Autor do livro "As parábolas de Jesus e seu ensino sobre o Reino de Deus". E-mail: [claiton@batistapioneira.edu.br](mailto:claiton@batistapioneira.edu.br)



## RESUMO

Esta pesquisa propõe uma cronologia das parábolas de Jesus, relatadas pelos evangelistas Mateus, Marcos e Lucas, a partir de obras de Harmonias dos Evangelhos. A definição desta cronologia é importante para fundamentar a proposta de uma teologia das Parábolas de Jesus, a partir do tema do Reino de Deus, constante em outra obra do autor.

**Palavras-chave:** Parábolas. Evangelhos. Cronologia. Jesus.

## ABSTRACT

This research proposes a chronology of the parables of Jesus, reported by the evangelists Matthew, Mark and Luke, from works of Harmonies of the Gospels. The definition of this chronology is important to support the proposal for a theology of the Parables of Jesus, based on the theme of the Kingdom of God, contained in another work by the author.

**Keywords:** Parables. Gospels. Chronology. Jesus.

## INTRODUÇÃO

Jesus proferiu muitas parábolas. Elas impressionam pela sua beleza e profundidade. Por um lado, o estilo simples e os assuntos do cotidiano as tornam atrativas a qualquer leitor sedento das Escrituras. Por outro, a profundidade e os mistérios que elas trazem inerentes em si mesmas, constituem um desafio sem igual a qualquer estudioso da Palavra de Deus.

Uma leitura cuidadosa das mesmas é suficiente para se perceber que todas elas, sem exceção, tratam de algum aspecto relativo ao Reino de Deus. Diante desta constatação, a proposta é organizar as parábolas de tal forma que se possa perceber, através do seu conjunto, uma teologia das parábolas de Jesus.

Numa análise prévia, pôde-se perceber que há três grupos distintos de parábolas. Um primeiro grupo trata do aspecto da Inauguração do Reino neste mundo. Um segundo grupo trata da Dimensão do Reino, em termos da entrada do ser humano no mesmo. E um terceiro grupo trata da Consumação do Reino.

Desta forma, as parábolas foram divididas em três grupos a partir da ordem cronológica que as mesmas foram relatadas por Jesus Cristo. O desafio do presente artigo é demonstrar, através da compreensão de diversos autores da Harmonia dos Evangelhos, que é possível definir esta ordem cronológica e estabelecer a ordem em que as mesmas se encontram.

## 1. PRIMEIRO GRUPO DE PARÁBOLAS

O primeiro grupo compreende 14 parábolas, que tratam especialmente da Inauguração do Reino de Deus neste mundo. Este grupo se encontra no início do ministério de Jesus, após o chamado dos primeiros discípulos.

44

### 1.1 O NOIVO E O JEJUM (MT 9.14-15; MC 2.18-20; LC 5.33-35)

A primeira parábola relatada por Jesus foi proferida em função de críticas que estava recebendo dos discípulos de João (Mt e Mc), de escribas e fariseus (Mc e Lc). Estes não criticam diretamente a Jesus, mas aos seus discípulos, que estavam comendo e não jejuavam como os discípulos de João e os fariseus. Para confrontá-los é que Jesus profere a parábola do noivo e do jejum, na qual afirma que os convidados não devem jejuar enquanto o noivo está presente.

Os autores de Harmonias dos Evangelhos colocam esta como a primeira parábola de Jesus, logo após alguns milagres e o chamado do publicano Levi. É na casa deste que se desenvolve

o diálogo com os seus críticos.<sup>2</sup>

## 1.2 REMENDO NOVO EM VESTES VELHAS (MT 9.16; MC 2.21; LC 5.36)

A parábola do remendo novo em vestes velhas encontra-se na mesma argumentação de Jesus com os escribas, fariseus e discípulos de João. Desta forma, todos os autores são unânimes em colocá-la logo após a parábola do noivo e do jejum, vista anteriormente.<sup>3</sup>

## 1.3 VINHO NOVO EM ODRES VELHOS (MT 9.17; MC 2.22; LC 5.37-39)

A parábola do vinho novo em odres velhos é um reforço da parábola do remendo novo em vestes velhas e traz a mesma verdade.<sup>4</sup> É encontrada no mesmo contexto, imediatamente após a outra. Os autores também são unânimes em colocá-la após a parábola do remendo novo em vestes velhas.<sup>5</sup>

- 
- 2 WATSON, S. L.; ALLEN, William Edson. **Harmonia dos evangelhos**. 6.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1983, p. 36-37. Concordam também: HEIM, Ralph Daniel. **A harmony of the gospels for students**. Philadelphia: Muhlenberg, 1947, p. 36; BURTON, Ernest DeWitt; GOODSPEED, Edgar Johnson. **A harmony of the synoptic gospels: for historical and critical study**. New York: Charles Scribner's Sons, 1929, p. 35; SAVAGE, G. C. **Time-and-place harmony of the gospels with foreword comments**. Nashville, Tennessee: SSB, 1927, p. 39-45; BROADUS, João A. **Harmonia dos evangelhos**. Rio de Janeiro: CPB, 1903, p. 41; STEVENS, Arnold; BURTON, Ernest DeWitt. **A harmony of the gospels for historical study**. New York: Charles Scribner's sons, 1904, § 43; TISCHENDORF, Constantinus de. **Synopsis evangelica**. 6.ed. Lipsiae: Hermann Mendelsohn, 1891, p. 37; ROBERTSON, A. T. **Una armonia de los cuatro evangelios**. 12.ed. El Passo: CBP, 1995, p. 35; ALAND, Kurt (edit). **Synopsis quattuor evangeliorum: locis parallelis evangeliorum apocryphorum et patrum adhibitis edidit**. 13.ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1988, p. 64; THOMAS, Robert L. **Os evangelhos e a vida de Cristo: em tabelas e gráficos**. Tradução de Solano Portela. São Paulo: Vida, 2003, p. 23; entre outros. Discordam desta posição: KAYSER, Ilson. **Sinopse dos três primeiros evangelhos**. São Leopoldo: Sinodal, 1986, p. 35; e PEISKER, Carl Heinz. **Luther evangelien-synopse**. Darmstadt: Wuppertal und Kassel, 1984, p. 41, que colocam todo o Sermão do Monte anterior a esta passagem. Neste caso a parábola dos dois fundamentos viria primeiro.
  - 3 ROBERTSON, 1995, p. 35.
  - 4 POHL, Adolf. **Evangelho de Marcos**. Tradução de Hans Udo Fuchs. Curitiba: Esperança, 1998, p. 118.
  - 5 ALAND, 1988, p. 64.

## 1.4 OS DOIS FUNDAMENTOS (MT 7.24-27; LC 6.46-49)

Entre as três primeiras parábolas e a parábola dos dois fundamentos acontecem alguns milagres e algumas controvérsias a respeito do sábado. Neste ponto, Jesus dá um novo passo: funda uma nova organização, fazendo a escolha definitiva dos doze discípulos e proclama um código de ética. Após o ensino sistemático deste código ético do Reino,<sup>6</sup> Jesus conclui a sua argumentação com a parábola dos dois fundamentos,<sup>7</sup> na qual proclama que o Reino não é uma nova filosofia teórica, mas, sim, uma mudança radical na vida do indivíduo.

## 1.5 OS DOIS DEVEDORES (LC 7.36-50)

A parábola dos dois devedores está inserida dentro do episódio acontecido na casa de Simão, o fariseu, no qual uma mulher pecadora unge os pés de Jesus. É uma espécie de peça dentro da peça.<sup>8</sup> Entre o Sermão da Ética do Reino (Mt 5-7; Lc 6) e esta parábola acontecem a cura do criado do centurião (Mt 8.5-13; Lc 7.1-11), a ressurreição do filho da viúva de Naim (Lc 7.11-17), a pergunta de João Batista e a consequente resposta de Jesus (Mt 11.2-19; Lc 7.18-35), e as admoestações de Jesus em relação às cidades impenitentes (Mt 11.20-30).<sup>9</sup>

## 1.6 O SEMEADOR (MT 13.3-23; MC 4.3-20; LC 8.5-15)

A parábola do sementeiro é a primeira dentro de um grande grupo de parábolas. Este grupo é proferido em parte para a grande multidão que estava à beira do mar da Galiléia. Jesus entra num barco, e, tendo diante de si a multidão como num

6 No Sermão do Monte (Mt 5-7) ou Sermão da Planura (Lc 6).

7 THOMAS, 2003, p. 24. Concordam com esta posição: WATSON; ALLEN, 1983, p. 49; TISCHENDORF, 1891, p. 41ss; HEIM, 1947, p. 49; ROBERTSON, 1995, p. 48; BURTON; GOODSPEEDS, 1929, p. 58; SAVAGE, 1927, p. 52; BROADUS, 1903, p. 60; STEVENS; BURTON, 1904, § 49; ALAND, 1988, p. 99; entre outros.

8 BAILEY, Kenneth. **As parábolas de Lucas**. Tradução de Adiel Almeida de Oliveira. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 68.

9 ROBERTSON, 1995, p. 52.

grande anfiteatro, proclama o Reino através de parábolas (Mt 13.1-3a; Mc 4.1-2; Lc 8.4).

Esta parábola (e também o grupo como um todo) é separada da anterior apenas pelo relato da jornada de Jesus pela Galiléia (Lc 8.1-3), pela discussão sobre a blasfêmia contra o Espírito Santo (Mc 3.20-30; Mt 12.22-37), pela exigência de um sinal por parte de fariseus e escribas (Mt 12.38-45) e pela apresentação da família espiritual de Jesus (Mt 12.46-50; Mc 3.31-35; Lc 8.19-21). Com isso concordam todos os autores de Harmonias.<sup>10</sup>

### 1.7 A CANDEIA (MC 4.21-23; LC 8.16-17)

Após a parábola do semeador, os discípulos perguntam a Jesus pelo motivo pelo qual ele fala através de parábolas. Jesus esclarece o motivo e dá a explicação da parábola do semeador.<sup>11</sup> A parábola da candeia é relatada por Marcos e Lucas, e vem, em ordem cronológica, imediatamente posterior a parábola do semeador.<sup>12</sup>

### 1.8 A SEMENTE (MC 4.26-29)

A parábola da semente que cresce por si mesma é relatada somente pelo evangelista Marcos. Com exceção de Heim<sup>13</sup>, que a coloca após a parábola do joio, todos os demais autores a inse-

10 HUCK, Albert. **Synopse der drei ersten evangelien**. Tübingen: Paul Siebeck, 1906, p. 67. Ver também: KAYSER, 1986, p. 52; ROBERTSON, 1995, p. 56; BRUCE, Alexander Balmain. **The parabolic teaching of Christ**. New York: Armstrong and Son, 1908, p. 11; LIETZMANN, Hans. **Synopse der drei ersten evangelien**. 11.ed. Tübingen, JCB Mohr, 1970, p. 71; TISCHENDORF, 1891, p. 49; STEVENS; BURTON, 1904, § 57; BROADUS, 1903, p. 71; SAVAGE, 1927, p. 69; HEIM, 1947, p. 58; THROCKMORTON Jr., Burton (edit). **Gospels parallels: a synopsis of the first three gospels**. 3.ed. Camden, NJ: Thomas Nelson & Sons, 1967, p. 65; SWANSON, Reuben J. **The horizontal line synopsis of the gospels**. Dillsboro: Western North Carolina, 1975, p. 71; PEISKER, 1984, p. 62; ALAND, 1988, p.174; THOMAS, 2003, p. 25; WATSON; ALLEN, 1983, p. 56-57.

11 De acordo com Mateus essas explicações parecem ser dadas no mesmo momento (Mt 13.10), mas de acordo com Marcos as explicações se dão no momento em que Jesus se encontra com um grupo menor de pessoas (Mc 4.10), o que parece ser mais óbvio. O que acontece aqui é uma inserção literária. Na verdade, Jesus deixa as multidões somente após relatar a parábola da candeia, da semente, do joio, da semente de mostarda, e do fermento (Mt 13.36).

12 ALAND, 1988, p. 179. Concordam todos os demais.

13 HEIM, 1947, p. 60.

rem imediatamente após a parábola da candeia.<sup>14</sup>

## 1.9 A PARÁBOLA DO JOIO (MT 13.24-30,36-43)

Mateus relata a parábola do joio e também a interpretação que Jesus dá desta parábola. Embora a interpretação aconteça mais tarde, quando ele se encontra apenas com um pequeno grupo, a parábola é relatada à grande multidão, quando ele ainda se encontra à beira do mar da Galiléia.<sup>15</sup>

## 1.10 A SEMENTE DE MOSTARDA (MT 13.31-32; MC 4.30-32)

A parábola da semente de mostarda, relatada por Mateus e Marcos<sup>16</sup>, aparece imediatamente após a parábola do joio e também é relatada para a grande multidão de pessoas que seguiam a Jesus.<sup>17</sup>

48

## 1.11 O FERMENTO (MT 13.33)

A última parábola proferida para a multidão, neste grupo, é a parábola do fermento. Esta parábola é relatada por Mateus e os autores são unânimes em colocá-la neste contexto literário e histórico.<sup>18</sup> Após a parábola, Mateus afirma que Jesus falava às multidões através de parábolas e sem parábolas nada lhes falava. Este era o cumprimento da palavra profética: “*Abrirei em parábolas a minha boca; publicarei coisas ocultas desde a fundação do mundo*” (Mt 13.35).<sup>19</sup>

14 ROBERTSON, 1995, p. 58. Ver também: HUCK, 1906, p. 70; LIETZMANN, 1970, p. 74; THROCKMORTON, 1967, p. 68; TISCHENDORF, 1891, p. 50; STEVENS; BURTON, 1904, § 57; BROADUS, 1903, p. 73; SAVAGE, 1927, p. 72; KAYSER, 1986, p. 53; PEISKER, 1984, p. 65; ALAND, 1988, p. 180; THOMAS, 2003, p. 25; WATSON; ALLEN, 1983, p. 60-61.

15 HUCK, 1906, p. 71. Os demais autores concordam, com exceção de Heim (1947, p. 60), que a coloca antes da parábola da semente.

16 Lucas a relata num contexto literário bem diferente (13.18-19) e mais tardio.

17 WATSON; ALLEN, 1983, p. 62. E demais autores. Discorda apenas Heim (1947, p. 62), para o qual esta parábola virá após a parábola da semente.

18 ALAND, 1988, p. 182. Concordam todos os demais.

19 Conforme Salmo 78.2.

## 1.12 O TESOURO ESCONDIDO (MT 13.44)

O evangelista Mateus relata que Jesus deixa a multidão e entra em casa. Ali, com um grupo menor, explica a parábola do joio (Mt 13.36-43). Neste momento, Jesus relata ao grupo a parábola do tesouro escondido.<sup>20</sup>

## 1.13 A PÉROLA DE GRANDE PREÇO (MT 13.45-46)

A parábola da pérola de grande preço também é relatada somente por Mateus, e vem imediatamente após a parábola do tesouro escondido.<sup>21</sup> Ambas as parábolas contém o mesmo ensino e reforçam-se uma a outra.

## 1.14 A REDE (MT 13.47-50)

A última parábola deste primeiro grupo é a parábola da rede lançada ao mar. Mateus a relata após a parábola da pérola de grande preço e nenhum autor a desloca deste contexto literário ou histórico.<sup>22</sup>

## 2. SEGUNDO GRUPO DE PARÁBOLAS

Após a parábola da rede e o fechamento do primeiro grupo, há um longo silêncio de Jesus em relação às parábolas. Neste período Jesus se dedica a um ensino especial para os doze discípulos, retirando-se por várias vezes com os mesmos. A maioria das parábolas deste segundo grupo encontra-se no que é conhecida como a Narrativa da Viagem de Lucas.

Muito importante na transição entre o primeiro para o segundo grupo de parábolas é a confissão que Pedro faz de Jesus como “o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt 16.16). Como o propó-

20 WATSON; ALLEN, 1983, p. 63.

21 HUCK, 1906, p. 72. Os demais autores concordam com o mesmo contexto.

22 ROBERTSON, 1995, p. 60.

sito de Jesus, no primeiro grupo, é relatar a respeito da Inauguração do Reino e da presença do Rei deste Reino, Pedro assinala a compreensão dos discípulos a respeito do primeiro grupo de parábolas. Eles haviam reconhecido Jesus como o Rei do Reino, que estava presente entre eles. Depois disto, Jesus pôde dedicar-se ao próximo passo no processo, mostrando aos discípulos como o homem pode fazer parte do Reino. E é justamente sobre isso que as parábolas deste grupo tratam.

## 2.1 O CREDOR INCOMPASSIVO (MT 18.23-35)

Jesus trata com os seus discípulos a respeito da forma como devem ser tratados os irmãos quando alguém pecar, e isso sugere a Pedro uma pergunta bem prática: “*Senhor, até quantas vezes meu irmão pecará contra mim, que eu lhe perdoe? Até Sete vezes?*” (Mt 18.21). Jesus confronta o conceito humano de Pedro, com um princípio divino (Mt 18.22), e, para que não reste nenhuma dúvida, relata a parábola do credor incompassivo, na qual afirma que ninguém consegue perdoar se não houver sido perdoado. Todos os autores são unânimes em colocar esta parábola depois da última parábola do primeiro grupo mencionado, com um longo período de pregações e milagres intercalados.<sup>23</sup>

50

## 2.2 O BOM SAMARITANO (LC 10.30-37)

A parábola do bom samaritano é a primeira da Narrativa da Viagem para Jerusalém, relatada especialmente pelo evangelista Lucas. Entre esta parábola e a parábola do credor incompassivo, acontece a Festa dos Tabernáculos em Jerusalém, na qual Jesus profere vários ensinamentos, relatados basicamente por João (Jo 7.11 – 8.59), e também o envio e retorno dos se-

23 HUCK, 1906, p. 107. Ver também: KAYSER, 1986, p. 71; ROBERTSON, 1995, p. 92; LIETZMANN, 1970, p. 111; TISCHENDORF, 1891, p. 76; STEVENS; BURTON, 1904, § 81; BROADUS, 1903, p. 115; SAVAGE, 1927, p. 118; HEIM, 1947, p. 98; THROCKMORTON, 1967, p. 100; SWANSON, 1975, p. 112; PEISKER, 1984, p. 89; BURTON; GOODSPEED, 1929, p. 133; ALAND, 1988, p. 254; THOMAS, 2003, p. 27; WATSON; ALLEN, 1983, p. 104-105.

tenta, relatado por Lucas (Lc 10.1-24). No contexto imediato da parábola, aparece um intérprete da Lei querendo colocar Jesus em provas (Lc 10.25), e é no diálogo com este homem que Jesus relata a parábola do bom samaritano.<sup>24</sup>

### **2.3 O AMIGO IMPORTUNO (LC 11.5-8)**

Lucas relata que num determinado momento, em que Jesus encontrava-se orando, ao terminar, um de seus discípulos pede que Jesus os ensine a orar. Em resposta ao pedido, Jesus lhes ensina a oração do Pai Nosso, e solidifica o ensino com a parábola do amigo importuno (ou do amigo à meia noite<sup>25</sup>). Entre esta parábola e a anterior, encontra-se apenas a visita de Jesus à casa de Marta e Maria em Betânia.<sup>26</sup>

### **2.4 O RICO INSENSATO (LC 12.16-21)**

Após a parábola anterior, Jesus tem alguns confrontos e debates com fariseus (Lc 11.14-36), alguns deles, inclusive, estando à mesa na casa de um fariseu (Lc 11.37-54). Depois disso, faz algumas advertências aos seus discípulos em relação à hipocrisia, avareza e riquezas (Lc 12.1-59). É neste contexto que Jesus relata a parábola do rico insensato, respondendo a um interlocutor que pede a Jesus para intermediar a divisão de uma herança (Lc 12.13).<sup>27</sup>

### **2.5 A FIGUEIRA ESTÉRIL (LC 13.6-9)**

Imediatamente posterior ao diálogo e advertência aos discípulos, Jesus relata a parábola da figueira estéril. Para isso apro-

24 ALAND, 1988, p. 266. Ver também: HUCK, 1906, p. 112; ROBERTSON, 1995, p. 102; LIETZMANN, 1970, p. 116; WATSON; ALLEN, 1983, p. 114; TISCHENDORF, 1891, p. 87; STEVENS; BURTON, 1904, § 88; BROADUS, 1903, p. 129; SAVAGE, 1927, p. 121; HEIM, 1947, p. 108; THROCKMORTON, 1967, p. 105; KAYSER, 1986, p. 75; PEISKER, 1984, p. 93; BURTON; GOODSPEED, 1929, p. 142; THOMAS, 2003, p. 28.

25 BAILEY, 1995, p. 103.

26 ROBERTSON, 1995, p. 103. Os demais autores concordam unanimemente.

27 LIETZMANN, 1970, p. 124. Não há discordância neste ponto.

veita dois acontecimentos contemporâneos (Lc 13.1 e Lc 13.4), ensinando que se não derem fruto, acontecerá o mesmo, perecendo todos de igual modo (Lc 13.3,5).<sup>28</sup>

## 2.6 A GRANDE CEIA (LC 14.16-24)

Lucas relata neste ponto uma cura feita por Jesus, num sábado, o que gera críticas por parte do oficial da sinagoga (Lc 13.10-21). Nessa parte, alguns autores da Harmonia introduzem um trecho do evangelista João (Jo 10) e retornam com o texto de Lucas, no qual Jesus desenvolve seu ministério na Peréia. Neste ponto, Jesus é avisado da ameaça de Herodes Antipas e lhe responde à altura (Lc 13.31-35). Cura, então, um homem hidrópico na casa de um dos chefes dos fariseus, num sábado (Lc 14.1-6) e profere a parábola da grande ceia, ao notar como os convidados escolhiam os primeiros lugares (Lc 14.7).<sup>29</sup>

52

## 2.7 A OVELHA PERDIDA (LC 15.3-7)

Após a parábola da grande ceia, Jesus ensina a multidão sobre o custo de ser seu discípulo (Lc 14. 25-35). Lucas, então relata as parábolas de Jesus que tratam da busca de Deus e do Reino em relação ao ser humano perdido. As três parábolas de Lucas 15 têm um contexto histórico bem definido, pois, no início do capítulo, o evangelista afirma que os publicanos e pecadores se achegavam a Jesus para o ouvir, enquanto os fariseus e escribas murmuravam porque Ele recebia pecadores e comia com eles (Lc 15.1-2). É para estes dois grupos (publicanos/pecadores e fariseus/escribas) que Jesus relata as três parábolas, começando

28 TISCHENDORF, 1891, p. 96. Aqui também não há discordância.

29 WATSON; ALLEN, 1983, p. 122.

pela parábola da ovelha perdida.<sup>30</sup>

## **2.8 A DRACMA PERDIDA (LC 15.8-10)**

Se a parábola da ovelha perdida fora contada pensando especificamente nos publicanos e pecadores, que se perderam fora de casa, a parábola da dracma perdida é direcionada aos fariseus e escribas, que estavam tão perdidos quanto os outros, mas o estavam dentro da própria casa. Os autores são unânimes em colocá-la no mesmo contexto, imediatamente após a parábola citada acima.<sup>31</sup>

## **2.9 OS FILHOS PERDIDOS (LC 15.11-32)**

Cada uma das parábolas anteriores refere-se a um dos grupos de ouvintes (publicanos/pecadores ou fariseus/escribas). Já a parábola dos filhos perdidos, encontrada no mesmo contexto, imediatamente posterior,<sup>32</sup> refere-se a ambos os grupos, falando ao mesmo tempo do filho que havia se perdido fora de casa (publicanos e pecadores) e do filho que se perdera dentro da própria casa (fariseus e escribas).

## **2.10 O ADMINISTRADOR INFIEL (LC 16.1-9)**

No contexto imediatamente posterior, Jesus relata aos seus discípulos a parábola do mordomo (administrador) infiel. Nada há de textos que possam ser intercalados e nenhum autor

30 ALAND, 1988, p. 304. Ver também: HUCK, 1906, p. 130; KAYSER, 1986, p. 87; ROBERTSON, 1995, p. 112; LIETZMANN, 1970, p. 135; WATSON; ALLEN, 1983, p. 123; TISCHENDORF, 1891, p. 104; STEVENS; BURTON, 1904, § 102; PEISKER, 1984, p. 109; BROADUS, 1903, p. 142; SAVAGE, 1927, p. 147; HEIM, 1947, p. 117; THROCKMORTON, 1967, p. 121; BURTON; GOODSPEED, 1929, p. 170; THOMAS, 2003, p. 29.

31 ROBERTSON, 1995, p. 112.

32 KAYSER, 1986, p. 88.

discorda desta posição para a parábola.<sup>33</sup>

## 2.11 O RICO E LÁZARO (LC 16.19-31)

No mesmo capítulo de Lucas encontra-se a parábola do rico e Lázaro. Esse texto é discutido por alguns como não sendo uma parábola. Entretanto, as autoridades na área de parábolas a tratam como tal, como por exemplo J. Jeremias,<sup>34</sup> S. Kistemaker,<sup>35</sup> e outros. Entre os autores de Harmonia dos Evangelhos, também é citada como parábola. Ela se encontra logo após a parábola anterior, intercalada apenas por um pequeno debate com fariseus, para os quais Jesus se dirige com esta parábola.<sup>36</sup>

## 2.12 O JUIZ INÍQUO (A VIÚVA PENITENTE) (LC 18.1-8)

Lucas relata também a parábola do juiz iníquo ou a parábola da viúva penitente. Os autores não são unânimes quanto ao material que deve ser intercalado entre esta parábola e a anterior. Alguns colocam antes desta parábola a ressurreição de Lázaro e todo o capítulo 11 de João.<sup>37</sup> Outros discordam desta posição.<sup>38</sup> Mas todos os autores concordam de que a parábola deve vir após a parábola do rico e Lázaro, vista anteriormente.<sup>39</sup>

54

33 HUCK, 1906, p. 132. Ver também: KAYSER, 1986, p. 89; LIETZMANN, 1970, p. 136; TISCHENDORF, 1891, p. 105; ALAND, 1988, p. 307; STEVENS; BURTON, 1904, § 103; BROADUS, 1903, p. 144; SAVAGE, 1927, p. 149; ROBERTSON, 1995, p. 113; HEIM, 1947, p. 119; THROCKMORTON, 1967, p. 123; PEISKER, 1984, p. 111; BURTON; GOODSPEED, 1929, p. 172; THOMAS, 2003, p. 29; WATSON; ALLEN, 1983, p. 125.

34 JEREMIAS, Joachim. **As parábolas de Jesus**. Tradução de João Rezende Costa. 5.ed. São Paulo: Paulinas, 1986, p. 184.

35 KISTEMAKER, Simon J. **As parábolas de Jesus**. Tradução de Eunice Pereira de Souza. São Paulo: Presbiteriana, 1992, p. 257.

36 ALAND, 1988, p. 310. Os demais autores concordam com esta posição.

37 Cf. WATSON; ALLEN, 1983, p. 127-128; THOMAS, 2003, p. 30; STEVENS; BURTON, 1904, § 105-106; entre outros.

38 Cf ALAND, 1988, p. 346-349; HEIM, 1947, p. 130-132; entre outros.

39 ROBERTSON, 1995, p. 118. Ver também: HUCK, 1906, p.137; LIETZMANN, 1970, p. 142; TISCHENDORF, 1891, p. 112; PEISKER, 1984, p. 117; ALAND, 1988, p. 319; STEVENS; BURTON, 1904, § 108; BROADUS, 1903, p. 149; HEIM, 1947, p. 121; THROCKMORTON, 1967, p. 127; BURTON; GOODSPEED, 1929, p. 178; THOMAS, 2003, p. 30; WATSON; ALLEN, 1983, p. 130; KAYSER, 1986, p. 93.

## 2.13 O FARISEU E O PUBLICANO (LC 18.9-14)

Imediatamente posterior a parábola do juiz iníquo aparece a parábola do fariseu e do publicano.<sup>40</sup> Esta parábola é proferida especialmente a alguns que confiavam em si mesmos, crendo que eram justos (Lc. 18.9).

## 2.14 O CAMELO E A AGULHA (MT 19.23-26; MC 10.23-27; LC 18.24-27)

Jesus completa o segundo grupo de parábolas com a parábola do camelo e da agulha, contada para seus discípulos (Mt 19.23; Mc 10.23), logo após o diálogo com o jovem rico, que saíra triste devido ao desafio feito por Jesus, de deixar tudo o que tinha e segui-Lo. Entre esta parábola e a anterior estão apenas a questão do divórcio (Mt 19.1-12; Mc 10.1-12), a bênção das crianças (Mt 19.13-15; Mc 10.13-16; Lc 18.15-17) e o diálogo com o jovem rico (Mt 19.16-22; Mc 10.17-22; Lc 18.18-23).<sup>41</sup>

## 3. TERCEIRO GRUPO DE PARÁBOLAS

Quando Jesus relatou a parábola do camelo e da agulha, os discípulos, percebendo a dificuldade de um rico ser salvo, e na verdade de qualquer um ser salvo, perguntam a Jesus: “*Sendo assim, quem pode ser salvo?*” (Mt 19.25). Jesus responde que isso é impossível ao homem, mas é possível a Deus. A resposta gera uma afirmação imediata por parte de Pedro: “*Eis que nós tudo*

40 ALAND, 1988, p. 320. Nenhum autor discorda desta posição.

41 WATSON; ALLEN, 1983, p. 132-134. Ver também: HUCK, 1906, p.140; KAYSER, 1986, p. 95; ROBERTSON, 1995, p. 120; LIETZMANN, 1970, p. 145; TISCHENDORF, 1891, p. 115; STEVENS; BURTON, 1904, § 111; PEISKER, 1984, p. 119; BROADUS, 1903, p. 152; SAVAGE, 1927, p. 151-153; HEIM, 1947, p. 124; THROCKMORTON, 1967, p. 130; BURTON; GOODSPEED, 1929, p. 185; THOMAS, 2003, p. 30. Aqui ALAND introduz os capítulos 7 a 10 de João, embora mantenha a ordem cronológica das parábolas (1988, p. 321-341).

*deixamos e te seguimos: que será, pois, de nós?”* (Mt 19.27). Pedro afirma com isso que entendeu o propósito do segundo grupo de parábolas, que era de esclarecer como o homem pode fazer parte do Reino. Mas Pedro tem outra questão: agora que eles estavam deixando tudo e seguindo a Jesus, qual seria o fim de tudo isso? O que eles ganhariam com isso? As respostas para estas perguntas podem ser vistas no terceiro grupo de parábolas, que tratará da consumação do Reino.

### 3.1 OS TRABALHADORES DA VINHA (MT 20.1-16)

Pedro talvez tenha pensado que vantagem teria pelo fato de seguir a Jesus (Mt 19.27). Uma pergunta puramente humana, que mereceu uma resposta essencialmente divina, através da parábola dos trabalhadores na vinha: **não há merecimentos, tudo é graça!**<sup>42</sup> Os autores concordam unanimemente com a colocação desta parábola após a última do grupo anterior e após o diálogo entre Jesus e Pedro.<sup>43</sup>

### 3.2 AS DEZ MINAS (LC 19.11-27)

Jesus profere ainda a parábola das dez minas. Esta possui uma certa semelhança com a parábola dos talentos, mas é tratada distintamente pela maioria dos eruditos nesta questão. Morris destaca as diferenças que há entre uma e outra, afirmando que é mais provável que Jesus tenha feito mais de um uso da

42 RIENECKER, Fritz. *Evangelho de Mateus*: comentário esperança. Tradução de Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 1998, p. 337.

43 ALAND, 1988, p. 343. Ver também: HUCK, 1906, p. 141; KAYSER, 1986, p. 96; ROBERTSON, 1995, p. 122; LIETZMANN, 1970, p. 148; WATSON; ALLEN, 1983, p. 134-135; TISCHENDORF, 1891, p. 115; STEVENS; BURTON, 1904, § 112; PEISKER, 1984, p. 121; BROADUS, 1903, p. 154; SAVAGE, 1927, p. 153; HEIM, 1947, p. 126; THROCKMORTON, 1967, p. 132; BURTON; GOODSPEED, 1929, p. 187; THOMAS, 2003, p. 30.

ideia básica, ao invés de ser vista apenas como uma variante.<sup>44</sup>

Os autores de Harmonia separam esta parábola da anterior com a predição da paixão (Mc 10.32-34; Mt 20.17-19; Lc 18.31-34), a ambição de Tiago e João (Mt 20.20-28; Mc 10.35-45), a cura do cego de Jericó (Mt 20.29-34; Mc 10.46-52; Lc 18.35-43) e a visita à casa de Zaqueu (Lc 19.1-10). Os autores são unânimes em colocar a parábola das dez minas após a parábola dos trabalhadores na vinha.<sup>45</sup>

### 3.3 OS DOIS FILHOS (MT 21.28-32)

Entre a parábola das dez minas e a parábola dos dois filhos, há a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém, relatada pelos quatro evangelistas. Há também a maldição da figueira infrutífera e a segunda purificação do templo. Então, num debate com os principais sacerdotes, a respeito da autoridade de Jesus, Ele os confronta com a parábola dos dois filhos. Os autores são unânimes em relação à posição desta parábola.<sup>46</sup>

### 3.4 OS LAVRADORES MAUS (MT 21.33-41; MC 12.1-9; LC 20.9-16)

Imediatamente após a parábola dos dois filhos, Jesus relata também a parábola dos lavradores maus, ainda confrontando os principais sacerdotes. Nenhum dos autores de Harmonia dos Evangelhos contesta esta posição para a parábola e nem introduzem algum outro trecho entre esta e a parábola anterior.<sup>47</sup>

44 MORRIS, L. L. **Lucas**: introdução e comentário. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1996, p. 257.

45 WATSON; ALLEN, 1983, p. 140-141. Ver também: SAVAGE, 1927, p. 157; HUCK, 1906, p. 147; KAYSER, 1986, p. 98; ROBERTSON, 1995, p. 125; BROADUS, 1903, p. 159; LIETZMANN, 1970, p. 152; TISCHENDORF, 1891, p. 120; THROCKMORTON, 1967, p. 135; STEVENS; BURTON, 1904, § 117; PEISKER, 1984, p. 124; HEIM, 1947, p. 129; BURTON; GOODSPEED, 1929, p. 194; THOMAS, 2003, p. 30. Aqui ALAND introduz os capítulos 10 e 11 de João, mas concorda com a posição das parábolas (1988, p. 344-358).

46 ROBERTSON, 1995, p. 134.

47 HUCK, 1906, p. 154.

### 3.5 A FESTA DE BODAS (MT 22.1-10)

O evangelista Mateus relata a parábola da festa das bodas. Esta é tratada distintamente da parábola da grande ceia, relatada por Lucas (14.16-24). A parábola da festa de bodas é separada da anterior apenas pela aplicação desta e da questão da pedra que foi rejeitada pelos construtores (Mt 21.42-46; Mc 11.10-12; Lc 20.17-19). Os autores também são unânimes quanto a esta posição.<sup>48</sup>

### 3.6 O HOMEM SEM VESTE (MT 22.11-14)

Na introdução da parábola da festa das bodas, encontra-se a seguinte expressão: “*Jesus tornou a falar-lhes por parábolas*” (Mt 22.1). Chama a atenção o plural do termo Παραβολαις,<sup>49</sup> não obstante, até o capítulo 24, nenhuma outra parábola é encontrada. Jeremias é da opinião de que o texto de Mateus 20.1-14 trata, na verdade, de duas parábolas: a parábola da festa das bodas e a parábola do homem sem veste.<sup>50</sup> Os autores de Harmonia a colocam, sem exceção, imediatamente posterior à parábola da festa de bodas.<sup>51</sup>

### 3.7 A FIGUEIRA (MT 24.32-35; MC 13.28-31; LC 21.29-33)

Após as parábolas analisadas anteriormente, Jesus tem alguns diálogos com fariseus e herodianos (22.15-22), com saduceus (Mt 22.23-33) e com um escriba fariseu (Mt 22.34-40). Depois disso, faz uma pergunta sobre Si mesmo (Mt 22.41-46) e, então, profere sete condenações contra os escribas e fariseus (Mt 23.1-39). Passa então para o *Sermão Profético*, no qual faz profecias sobre o Templo e sobre a Sua volta (Mt 24-25).<sup>52</sup> Dentro deste sermão profético fala

48 TISCHENDORF, 1891, p. 129.

49 ALAND, Kurt; et. al. (edit). **The greek New Testament**. 4.ed. Stuttgart and London: Deutsche Bibelgesellschaft and United Bible Societies, 1994, p. 84.

50 JEREMIAS, 1986, p. 64ss, 189ss.

51 ALAND, 1988, p. 380.

52 THOMAS, 2003, p. 31.

de sinais sobre a proximidade da Sua segunda vinda. Em meio a estes sinais relata a parábola da figueira.<sup>53</sup>

### **3.8 O DILÚVIO (MT 24.37-39)**

Jesus faz ainda outra comparação em relação ao tempo da Sua volta. Ele instrui seus seguidores a que estejam atentos para o imprevisto do seu retorno. Assim, compara o tempo da Sua vinda aos dias de Noé. É um tempo semelhante aos que antecederam todas as grandes épocas de decisão na história. Todos pensam que tudo continuará assim.<sup>54</sup> Esta parábola vem imediatamente após a parábola da figueira, dentro do sermão profético de Jesus.<sup>55</sup>

### **3.9 O PORTEIRO (MC 13.34-37)**

Após falar a respeito do tempo relativo à consumação do reino, Jesus passa a exortar a respeito da necessidade de vigilância quanto à possibilidade iminente da Sua volta e o devido preparo em relação à mesma. Marcos relata a esta altura a parábola do porteiro,<sup>56</sup> na qual o sentido é claro: o dever de vigiar e estar pronto quando o Senhor vier.

### **3.10 O PAI DE FAMÍLIA (MT 24.43-44)**

Mateus relata a parábola do pai de família. Esta segue a ênfase sobre a necessidade da vigilância dos homens em relação à volta de Cristo. Ela é paralela à parábola do porteiro e vem

53 PEISKER, 1984, p. 140. Ver também: WATSON; ALLEN, 1983, p. 168; SAVAGE, 1927, p. 182; HUCK, 1906, p. 170; KAYSER, 1986, p. 111; ROBERTSON, 1995, p. 150; BROADUS, 1903, p. 183; LIETZMANN, 1970, p. 176; TISCHENDORF, 1891, p. 139; THROCKMORTON, 1967, p. 157; STEVENS; BURTON, 1904, § 131; HEIM, 1947, p. 152; BURTON; GOODSPEED, 1929, p. 226; THOMAS, 2003, p. 32; ALAND, 1988, p. 405.

54 RIENECKER, 1998, p. 398.

55 ROBERTSON, 1995, p. 150.

56 WATSON; ALLEN, 1983, p. 168.

praticamente simultânea a esta.<sup>57</sup>

### 3.11 O SERVO PRUDENTE (MT 24.45-51)

Imediatamente após a parábola do pai de família, Mateus relata a parábola do servo prudente,<sup>58</sup> que também trata sobre a necessidade de vigilância. Alguns autores e comentaristas falam de dois servos: um bom e um mau. Mas parece mais razoável que se trate apenas de um servo,<sup>59</sup> que pode ser encontrado em duas atitudes diferentes, de acordo com as quais será julgado.

### 3.12 AS DEZ VIRGENS (MT 25.1-13)

Jesus continua seu sermão profético com mais algumas parábolas. Uma delas é a parábola das dez virgens, na qual fala da divisão entre aqueles que estarão preparados e aqueles que não estarão, em relação ao final dos tempos.<sup>60</sup> Enfatiza, desta forma, a necessidade de preparo ante o juízo simultâneo no dia da consumação do reino. Todos os autores são unânimes em colocá-la imediatamente após a parábola do servo prudente.<sup>61</sup>

### 3.13 OS TALENTOS (MT 25.14-30)

Outra parábola relatada por Jesus, é a parábola dos talentos. Esta assemelha-se a imediatamente anterior (As dez virgens), na qual se enfatiza a vigilância e prontidão diante da volta de Cristo. Na parábola dos talentos, além desta verdade,

57 ALAND, 1988, p. 409. Ver também; THROCKMORTON, 1967, p. 159; SAVAGE, 1927, p. 183; HUCK, 1906, p. 172; KAYSER, 1986, p. 112; ROBERTSON, 1995, p. 151; LIETZMANN, 1970, p. 178; STEVENS; BURTON, 1904, § 131; THOMAS, 2003, p. 32; PEISKER, 1984, p. 142; HEIM, 1947, p. 153; WATSON; ALLEN, 1983, p. 168; BURTON; GOODSPEED, 1929, p. 227.

58 ROBERTSON, 1995, p. 152. Concordam os demais autores.

59 JEREMIAS, 1986, p. 55.

60 KISTEMAKER, 1992, p. 152.

61 KAYSER, 1986, p. 112.

acrescenta-se o fato de um acerto de contas referente aos serviços delegados pelo senhor aos servos.<sup>62</sup> A parábola assemelha-se também à parábola das dez minas, mas há diferenças suficientes para se crer que sejam duas parábolas ou que Jesus tenha feito mais de um uso da ideia básica, por isso, devem ser estudadas separadamente.<sup>63</sup> A parábola dos talentos segue a parábolas das dez virgens e não há material intercalado entre ambas.<sup>64</sup>

### 3.14 AS OVELHAS E OS CABRITOS (MT 25.31-46)

Finalmente, surge a parábola das ovelhas e dos cabritos. Alguns autores são da opinião de que esse texto não é uma parábola no sentido convencional, mas uma descrição poética da vinda do Filho do homem como um juiz. Aqui Jesus é retratado entronizado na glória como Rei, exercendo a sua prerrogativa divina como juiz de todas as nações (Mt 25.32).<sup>65</sup> Estritamente falando, a passagem (v. 31-46) é muito mais uma profecia do que uma parábola. Apenas a parte que fala das ovelhas e dos cabritos pode ser considerada uma parábola, e se presta perfeitamente ao propósito de Jesus, quando ensina a seus discípulos a doutrina do último julgamento.<sup>66</sup> A parábola das ovelhas e dos cabritos vem imediatamente após a parábola dos talentos, sem nenhum material intercalado.<sup>67</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As parábolas são realmente um complexo de verdades profundas e desafiantes. Formam, em seu conjunto, um terço do

62 KISTEMAKER, 1992, p. 160-161.

63 Leon Morris faz uma boa demonstração destas diferenças (MORRIS, 1996, p. 257).

64 ALAND, 1988, p. 413. Todos os autores concordam.

65 TASKER, R. V. G. **Mateus**: introdução e comentário. Tradução Odair Olivetti. São Paulo: Vida Nova, 1991, p. 188.

66 KISTEMAKER, 1992, p. 170. Jeremias também a trata como parábola (JEREMIAS, 1986, p. 204ss), assim como também Camargo (CAMARGO, Sátilas do Amaral. **Ensinos de Jesus através de suas parábolas**. 2.ed. São Paulo: Imprensa Metodista, 1970, p. 89), e outros.

67 WATSON; ALLEN, 1983, p. 171. Ver também: SAVAGE, 1927, p. 186; HUCK, 1906, p. 176; KAYSER, 1986, p. 113; ROBERTSON, 1995, p. 153-154; BROADUS, 1903, p. 191; LIETZMANN, 1970, p. 181; TISCHENDORF, 1891, p. 141; THROCKMORTON, 1967, p. 162; STEVENS; BURTON, 1904, § 131; PEISKER, 1984, p. 144; HEIM, 1947, p. 158; BURTON; GOODSPEED, 1929, p. 234; THOMAS, 2003, p. 32; ALAND, 1988, p. 416.

ensino dado por Jesus Cristo, conforme relatado pelos evangelistas sinóticos. Colocam, portanto, diante do pesquisador farto material para compreender a proclamação de Jesus a respeito de sua vida e missão, e do seu ensino a respeito do Reino de Deus.

Apesar de alguns contextos não estarem tão claros como os estudiosos gostariam, demonstrou-se que é possível estabelecer a sequência lógica e cronológica a partir da Harmonia dos Evangelhos. Vários e importantes eruditos contribuíram com seus estudos, para que esta demonstração fosse possível.

Três grupos podem ser distinguidos nesta cronologia, e quando estudados nos seus subgrupos, pode-se perceber a estrutura subjacente de três respectivos temas: a Inauguração do Reino, a Dimensão do Reino e a Consumação do Reino. Essa estrutura está devidamente tratada na obra “As parábolas de Jesus e seu ensino sobre o Reino de Deus”.<sup>68</sup>

## REFERÊNCIAS

ALAND, Kurt (edit). **Synopsis quattuor evangeliorum: locis parallelis evangeliorum apocryphorum et patrum adhibitis edit.** 13.ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1988. 590 p.

ALAND, Kurt; et. al. (edit). **The greek New Testament.** 4.ed. Stuttgart and London: Deutsche Bibelgesellschaft and United Bible Societies, 1994. 918 p.

BAILEY, Kenneth. **As parábolas de Lucas.** Tradução de Adiel Almeida de Oliveira. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. 381 p.

BROADUS, João A. **Harmonia dos evangelhos.** Rio de Janeiro: CPB, 1903. 316 p.

BRUCE, Alexander Balmain. **The parabolic teaching of**

---

68 KUNZ, Claiton André. **As parábolas de Jesus e seu ensino sobre o Reino de Deus.** Curitiba: ADSantos, 2014.

**Christ.** New York: Armstrong and Son, 1908. 515 p.

BURTON, Ernest DeWitt; GOODSPEED, Edgar Johnson. **A harmony of the synoptic gospels:** for historical and critical study. New York: Charles Scribner's Sons, 1929. 279 p.

CAMARGO, Sátilas do Amaral. **Ensinos de Jesus através de suas parábolas.** 2.ed. São Paulo: Imprensa Metodista, 1970. 189 p.

DATTLER, Frederico. **Sinopse evangélica.** São Paulo: Paulinas, 1959. 332 p.

HEIM, Ralph Daniel. **A harmony of the gospels for students.** Philadelphia: Muhlenberg, 1947. 209 p.

HUCK, Albert. **Synopse der drei ersten evangelien.** Tübingen: Paul Siebeck, 1906. 208 p.

JEREMIAS, Joachim. **As parábolas de Jesus.** Tradução de João Rezende Costa. 5.ed. São Paulo: Paulinas, 1986. 238 p.

KAYSER, Ilson. **Sinopse dos três primeiros evangelhos.** São Leopoldo: Sinodal, 1986. 128 p.

KISTEMAKER, Simon J. **As parábolas de Jesus.** Tradução de Eunice Pereira de Souza. São Paulo: Presbiteriana, 1992. 308 p.

KUNZ, Claiton André. **As parábolas de Jesus e seu ensino sobre o Reino de Deus.** Curitiba: ADSantos, 2014. 232 p.

LIETZMANN, Hans. **Synopse der drei ersten evangelien.** 11.ed. Tübingen, JCB Mohr, 1970. 213 p.

MORRIS, L. L. **Lucas:** introdução e comentário. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1996. 330 p.

PEISKER, Carl Heinz. **Luther evangelien-synopse.** Darmstadt: Wuppertal und Kassel, 1984. 168 p.

POHL, Adolf. **Evangelho de Marcos**. Tradução de Hans Udo Fuchs. Curitiba: Esperança, 1998. 467 p.

RIENECKER, Fritz. **Evangelho de Mateus**: comentário esperança. Tradução de Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 1998. 460 p.

ROBERTSON, A. T. **Una armonia de los cuatro evangelios**. 12.ed. El Paso: CBP, 1995. 259 p.

SAVAGE, G. C. **Time-and-place harmony of the gospels with foreword comments**. Nashville, Tennessee: SSB, 1927. 281 p.

STEVENS, Arnold; BURTON, Ernest DeWitt. **A harmony of the gospels for historical study**. New York: Charles Scribner's sons, 1904. 283 p.

SWANSON, Reuben J. **The horizontal line synopsis of the gospels**. Dillsboro: Western North Carolina, 1975. 597 p.

TASKER, R. V. G. **Mateus**: introdução e comentário. Tradução de Odair Olivetti. São Paulo: Vida Nova, 1991. 229 p.

THOMAS, Robert L. **Os evangelhos e a vida de Cristo**: em tabelas e gráficos. Tradução de Solano Portela. São Paulo: Vida, 2003. 167 p.

THROCKMORTON Jr., Burton (edit). **Gospels parallels**: a synopsis of the first three gospels. 3.ed. Camden, NJ: Thomas Nelson & Sons, 1967. 191 p.

TISCHENDORF, Constantinus de. **Synopsis evangelica**. 6.ed. Lipsiae: Hermann Mendelsohn, 1891. 184 p.

WATSON, S. L.; ALLEN, William Edson. **Harmonia dos evangelhos**. 6.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1983. 267 p.



A Revista Via Teológica está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional